



## **Estratégias de comunicação para aliciamento de trabalhadores no contexto da escravidão contemporânea no Maranhão<sup>1</sup>**

Flávia de Almeida MOURA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

### **RESUMO**

O estudo busca compreender algumas estratégias de comunicação utilizadas no contexto do aliciamento para trabalho escravo contemporâneo a partir da investigação realizada em dois municípios maranhenses: Codó e Açailândia. Intitulados na pesquisa como “Vozes da Esperança”, esses sistemas são responsáveis, num primeiro momento, por atrair os trabalhadores a uma “promessa de trabalho”, depois caracterizada por condições análogas a de escravos (rede de aliciamento) e, num segundo momento, por “libertá-los” dessa situação (rede de denúncia da exploração do trabalho). Neste artigo, apresentamos dados do trabalho de campo e algumas reflexões acerca da primeira etapa da pesquisa, que trata das estratégias de aliciamento; uma vez que a investigação da rede de denúncia está em andamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** estratégias de comunicação; aliciamento; trabalho escravo.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta algumas reflexões acerca da primeira etapa de execução do projeto de pesquisa intitulado “Vozes da Esperança: estratégias de comunicação em redes de aliciamento e denúncia no contexto da escravidão contemporânea no Maranhão”<sup>3</sup>, que teve realização de trabalho de campo nos dois municípios maranhenses investigados: Codó e Açailândia.

A escolha dos municípios não é aleatória. Segundo a OIT<sup>4</sup> (Organização Internacional do Trabalho), mais de 40% dos trabalhadores escravizados no Brasil na atualidade são oriundos do Maranhão. O Estado, além de liderar o ranking nacional de exportação desta mão-de-obra, também ocupa os principais lugares na incidência do problema, localizado principalmente na região tocantina e na região central do Estado,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, DT 7 Comunicação, Espaço e Cidadania, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Assistente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, jornalista e mestre em Ciências Sociais. email: flaviaalmeidamoura@hotmail.com

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa é financiado pela FAPEMA (Fundo de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão) e tem realização no período de fevereiro de 2010 a fevereiro de 2012, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Ms Flávia de Almeida Moura, do Departamento de Comunicação Social da UFMA, autora deste artigo. Atualmente, o projeto possui 3 bolsistas de iniciação científica (UFMA/FAPEMA/CNPq) e 5 alunos voluntários. De caráter interdisciplinar, os alunos envolvidos são das áreas de Comunicação e Ciências Sociais.

<sup>4</sup> Estudo realizado em 2005 no Brasil.



também conhecida como região dos cocais. Os dois municípios escolhidos para a realização desta pesquisa localizam-se nessas duas regiões, respectivamente: Açailândia e Codó.

Vale esclarecer que o estudo dá continuidade a um esforço de pesquisa iniciado há pelo menos 6 anos, que já resultou em publicações de artigos, resenhas, além de apresentação em encontros, reuniões científicas e projetos, uma cartilha e um livro sobre a problemática do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão, editado após defesa de dissertação sobre o assunto, em 2009<sup>5</sup>.

A pesquisa “Vozes da Esperança” foi construída num esforço de relacionar os estudos na área das Ciências Sociais, principalmente orientada pela Sociologia do Trabalho, bem como aliar esse conhecimento à luz do campo da Comunicação, permitindo assim um diálogo possível entre essas duas áreas, bem como a realização de um projeto interdisciplinar, oportunizando os alunos a refletirem acerca dos processos de comunicação popular<sup>6</sup> utilizados em estratégias das redes de aliciamento de trabalhadores para condições análogas a de escravos<sup>7</sup>.

Durante o trabalho de campo, identificamos redes de aliciamento para o recrutamento de mão-de-obra em atividades consideradas análogas a de escravos tanto dentro do estado do Maranhão como para trabalhar em outros estados brasileiros ou ainda até fora do país. Observamos ainda que nestas redes de aliciamento funcionam sistemas de comunicação que utilizam os canais mais acessíveis àqueles públicos (no caso, os trabalhadores), como as chamadas “vozes”, sistemas de comunicação formados por alto-falantes tipo megafone que funcionam geralmente próximos ao comércio local, aparelhos de som colocados em automóveis, bicicletas, postes, entre outros, que passam a informação de oferta de emprego, na maioria das vezes com propagandas “enganosas” de promessas de oportunidades para ganhar dinheiro ou melhorar as condições de sustento.

Neste contexto, a pesquisa em andamento busca compreender o funcionamento desses dois sistemas de comunicação, intitulados como “Vozes da Esperança”, que são responsáveis, ora por atrair os trabalhadores a uma “promessa de trabalho”, depois caracterizada por condições análogas a de escravos (rede de aliciamento) e ora por “libertá-los” dessa situação (rede de denúncia da exploração do trabalho). O presente artigo trata do sistema de comunicação acerca do aliciamento para o trabalho escravo.

---

<sup>5</sup> MOURA, Flávia de Almeida. *Escravos da Precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais de Codó (MA), São Luís (MA)*: EDUFMA, 2009.

<sup>6</sup> Entendemos aqui essa categoria analítica à luz das discussões de PERUZZO (2008), o afirmar que não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares (p.368)

<sup>7</sup> Termo jurídico encontrado no Artigo 149, do Código Penal Brasileiro.



Vale esclarecer que as atividades às quais os trabalhadores rurais são atraídos, consideradas de trabalho escravo contemporâneo, são principalmente duas: o chamado “roço da juquirá”, isto é, limpeza do pasto para a plantação de capim em fazendas de gado, e o carvoejamento, que abarca as atividades mais insalubres necessárias para o funcionamento de uma carvoaria: desde o plantio de eucalipto, a derrubada da mata, o empilhamento da madeira, até enchimento dos fornos bem como o acompanhamento da queima e, por fim, a retirada do carvão, que abastece principalmente o pólo siderúrgico de Açailândia (MA)<sup>8</sup>.

O referencial teórico-metodológico que orienta as discussões do presente artigo passam pelas discussões de Raymond Williams (formas culturais), Norman Fairclough (discurso e mudança social) e Enesita Soares de Araújo, em sua tese de doutoramento “Mercado simbólico: interlocução, luta e poder – um modelo de comunicação para políticas públicas” (CFCH/UFRJ, 2002), quando trata sobre discurso, representação e espaços de interlocução, além dos autores que trabalham o tema trabalho escravo contemporâneo.

A partir da identificação dessas redes de aliciamento (realizada pelos chamados empreiteiros ou *gatos*<sup>9</sup>) e de denúncia acerca do trabalho escravo (realizada principalmente pelo movimento social), o artigo relata um esforço de sistematização de discursos e práticas dos principais atores sociais que utilizam canais de comunicação de forma estratégica (FAIRCLOUGH, 2001).

### **Vozes que escravizam: discursos e práticas sociais dos comunicadores populares**

O presente artigo busca sistematizar alguns dados levantados durante a primeira etapa do trabalho de campo realizada nos dois municípios maranhenses Açailândia e Codó, em julho de 2010, sobre as estratégias de utilização de sistemas populares de comunicação para o recrutamento de trabalhadores<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> As siderúrgicas localizadas em Açailândia fazem parte do chamado Pólo Siderúrgico de Carajás, que abarca os estados do Maranhão, Pará e Tocantins e tem como cenário mais conhecido a Serra de Carajás, no município de Parauapebas (PA). Boa parte do ferro-gusa produzido nessas empresas é vendida para a Vale e exportada para os Estados Unidos, países europeus e asiáticos, via porto do Itaqui, localizado em São Luís (MA). O ferro-gusa chega na capital maranhense pela estrada de ferro Carajás, que liga Parauapebas (PA) a São Luís (MA), passando por Açailândia (MA).

<sup>9</sup> Nome popular dado aos aliciadores, isto é, pessoas que convidam trabalhadores e formam turmas para as empreitadas.

<sup>10</sup> Na ocasião, me acompanharam nesta etapa de campo 7 alunos de graduação -- sendo 4 deles de Comunicação Social e 3 de Ciências Sociais --, além de 1 aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; todos parte integrante deste projeto de pesquisa.



Durante o trabalho de campo, foram identificados dois sistemas de comunicação popular em Açailândia e quatro em Codó. A primeira característica que nos chama a atenção é a diversidade de situações em que esses comunicadores populares se relacionam com a rede de aliciamento para mão-de-obra escrava no Maranhão.

**Tabela 1: Características dos sistemas de comunicação de Açailândia (MA)**

<b>Identificação</b>	<b>Proprietário/outras atividades econômicas</b>	<b>Tipos de anúncios veiculados</b>	<b>Valor do anúncio</b>	<b>Relação com o aliciamento para o trabalho escravo</b>
Voz Tropical	Manoel Gabriel Carneiro de Sousa/garçom e comerciante	Recados para a comunidade; crianças perdidas; serviços (atividades de roço de juquirá, trabalho em carvoarias para forneiro, carbonizador, entre outros)	Em média, varia entre R\$ 5 e R\$ 10 por anúncio. Também varia de acordo com a quantidade de inserções, tempo de arregimentação dos trabalhadores e até mesmo a atividade desenvolvida no serviço	Proprietário da voz é contratado pelo <i>gato</i> para anunciar e formar turmas de trabalhadores; local da voz é o ponto de encontro entre trabalhadores interessados e o <i>gato</i> ; Proprietário da voz afirma já ter sido intimidado por auditores fiscais do trabalho; situação que resultou na diminuição da frequência dos anúncios
Voz da Fruta	Maria Benedita de Sousa/proprietária de sacolão de fruta e dona-de-casa	Anúncios do sacolão de frutas e de outros comércios locais (promoções), algum recado pra alguém do bairro e serviço pra <i>peão</i> em carvoaria (Açailândia) ou para atividades do roço da juquirá, no Pará	De R\$ 3 a R\$ 5. (anuncia até três vezes pela manhã ou tarde).	Proprietária da voz anuncia oportunidade de trabalho, diz quantas vagas têm e fica responsável por anotar os nomes dos interessados com endereço e telefone para passar para o <i>gato</i> , que contratou o serviço. Segundo ela, não ganha por isso; só mesmo pelo anúncio.

Fonte: trabalho de campo/julho 2010

Em Açailândia, por exemplo, identificamos dois sistemas de comunicação que fazem anúncios de trabalho para atividades de carvoejamento e roço de juquirá (atividades ocorridas no próprio município) e também para saída de trabalhadores a



outros estados brasileiros para trabalhar em atividades da construção civil e outros serviços.

As duas “vozes” – A Voz Tropical e a Voz da Fruta<sup>11</sup> -- que são sistemas clandestinos de alto-falante localizados próximos a estabelecimentos comerciais que anunciam propostas de trabalho para a região e também para outros estados do Brasil.

Os dois sistemas populares de comunicação identificados na pesquisa em Açailândia se concentram num bairro periférico e populoso da cidade, onde a maior parte dos trabalhadores é oriunda de famílias rurais, que foram expulsas da terra por conta da implantação de grandes projetos tanto de agronegócio (fazendas de gado) quando da área da siderurgia. Trata-se da Vila Ildemar, que concentra na atualidade cerca de 40 mil moradores.

**Tabela 2: Características dos sistemas de comunicação de Codó (MA)**

<b>Identificação</b>	<b>Proprietário/ outras atividades econômicas</b>	<b>Tipos de anúncios veiculados</b>	<b>Valor do anúncio</b>	<b>Relação com o aliciamento para o trabalho escravo</b>
Voz Tropical	Francisco Carlos Silva Costa	Anúncios do comércio local, de Igreja, festas, notas de falecimento, documentos ou crianças perdidas e oportunidades de serviço para trabalhar em atividades de roço de juquira, além de viagens para São Paulo, para trabalhar no corte de cana, no interior do estado	R\$ 2,00 por chamada (A Voz da Profecia da Igreja custa R\$ 60 por mês)	Já fez anúncios para chamar trabalhadores. Ajudou a fazer listas e a recrutar trabalhadores, principalmente para São Paulo. Os últimos anúncios foram para pedreiros para São Luís; para o roço da juquira na fazenda do Chiquinho (político e empresário da cidade) na semana anterior; e para São Paulo dois meses antes.
Voz Santa Helena	Fernando	Das festas de terreiros de tambor de mina e demais festividades do município, anúncios do comércio local, notas de	R\$ 5,00 por anúncio	Faz anúncios constantemente para arrumar trabalhadores para outros estados

<sup>11</sup> A voz leva esse nome por ser localizada dentro de um comércio de frutas -- tipo “sacolão” -- situado na Vila Ildemar (Açailândia). Segundo Maria Benedita de Souza, proprietária do comércio e da voz, o sistema de comunicação tem cerca de 7 anos e começou para fazer propaganda de frutas e verduras do comércio e virou espaço de anúncios para terceiros, que pagam, em média, R\$ 5 por inserção.



		falecimento, documentos ou crianças perdidas e serviços de empreitada em atividades da monocultura da cana (São Paulo) e ainda plantio e colheita de batatas, alho, cebola (Minas Gerais)		(Minas Gerais e São Paulo) e para as fazendas do município.
Voz do Comércio	José Cláudio Silva	Anúncios do comércio local, da Igreja Evangélica, notas de falecimento, documentos ou crianças perdidas.	R\$ 10 por semana (Armazém Paraíba: R\$ 50 por mês)	Nunca foi procurado para anunciar para chamar trabalhadores.
Voz São José	Antonio José	Anúncios do comércio local, de Igreja, festas, notas de falecimento, documentos ou crianças perdidas e oportunidades de trabalho em áreas rurais e urbanas em Codó e região, além das viagens para outros estados.	R\$ 35 a R\$ 40 por mês.	Foi procurado uma vez, acerca de três meses, para fazer anúncio para o corte de cana em Ribeirão Preto.

Fonte: trabalho de campo (julho/2010)

Em Codó, a primeira etapa do trabalho de campo foi realizada no bairro Codó Novo, onde residem cerca de 30 mil habitantes, sendo a maioria formada por famílias de trabalhadores rurais que foram expulsos de suas terras e vivem nas chamadas “pontas de rua”. Neste bairro, encontramos uma voz, conhecida como “Voz Santa Helena”, instalada na localidade há 20 anos, para anunciar as festas relacionadas ao terreiro de tambor de mina<sup>12</sup> da família de seu Fernando, como se apresenta o proprietário.

De lá pra cá, segundo informações da vizinhança, os aparelhos começaram a ser aperfeiçoados e seu Fernando passou a tocar os negócios da voz de forma profissional, cobrando anúncios de comércio local e também de empresas e fazendas que buscavam mão-de-obra para trabalhar tanto no chamado roço da juquirá quanto para migrarem para outros estados brasileiros em projetos de monocultura, principalmente da cana-de-açúcar, em São Paulo, e na construção civil em Brasília, Goiás e até sul do país.

<sup>12</sup> Codó possui uma tradição da religião afro-brasileira intitulada “tambor de mina”. No município existem vários terreiros onde são realizadas festas e rituais relacionados a esta religião.



No bairro Codó Novo, existem pelo menos 3 “agências de viagem” clandestinas, que têm esse nome somente para burlar a fiscalização, mas na verdade são locais de aliciamento e recrutamento de trabalhadores para a migração<sup>13</sup>.

No caso do depoimento de Maria da Cruz, a “Cruzinha”, que está no ramo há pelo menos 14 anos, fica claro que a partir da consolidação da publicização desta atividade no bairro, pode-se “descartar”, em alguns casos, os serviços disponíveis de comunicação popular para atrair os trabalhadores. Mesmo assim, a agenciadora afirma que, para reforçar a clientela, ela ainda utiliza alguns meios de comunicação, como por exemplo, os carros de som.

Para nos ajudar a pensar essa situação, buscamos o conceito de “formas culturais” (WILLIAMS, 1981), uma vez que o autor afirma que elas modificam de acordo com as práticas sociais vigentes. Segundo os informantes ligados ao movimento social entrevistados na pesquisa, as formas de atrair mão-de-obra barata à chamada escravidão contemporânea se modificaram e se readaptaram de acordo com as práticas dos agenciadores.

Durante a permanência no bairro Codó Novo, percebemos uma grande quantidade de carros de som que circulam na localidade, principalmente no período da manhã<sup>14</sup>, anunciando propagandas do comércio local e também chamando trabalhadores para trabalho, principalmente em São Paulo (corte de cana) e Minas Gerais (colheita de alho, cebola e batata).

Segundo informantes ligados à CPT (Comissão Pastoral da Terra) em Codó, os carros de som são particulares e existem, em média, 15 veículos que circulam pelo bairro todos os dias. Mas mesmo com todo o aparato de comunicação podendo ser utilizado a serviço do aliciamento, percebemos que as redes de amizade e vizinhança (comunicação interpessoal), muitas vezes, se sobrepõem às estratégias de comunicação de massa (carros de som ou vozes).

Para nos ajudar a pensar nessas redes de aliciamento para o trabalho escravo envolvendo tanto veículos de comunicação popular quanto a comunicação interpessoal, utilizamos o conceito analítico de “rede”, construído por Enesita Araújo (2008):

---

<sup>13</sup> Em pesquisas anteriores, (CARNEIRO & MOURA, 2008), identificamos as principais rotas de migração dos municípios de Codó e Timbiras (MA) para o corte de cana-de-açúcar em municípios do interior de São Paulo, onde há uma concentração de usinas, ou mesmo para outras regiões, como é o caso do Estado de Minas Gerais, em atividades principalmente de plantio e colheita de batata, alho e cebola.

<sup>14</sup> Segundo um proprietário de carro de som, entrevistado durante esta pesquisa, o “horário nobre” desse público é pela manhã.



“Redes são espaços sociais e, como tais, são arena dos embates sociais e de lutas políticas. São espaços de articulação de campos e eixos de poder. Redes possibilitam tanto a reprodução quanto a transformação das relações de poder. Os ajustes, as mediações, as negociações, as apropriações, o processo político, enfim, é feito ao nível do território concreto, no nível local. (...) O conceito de “rede” permite compreender melhor a produção dos sentidos sociais e, em decorrência, a própria prática social” (ARAÚJO, p.301,2008)

Ao propor um modelo de comunicação em redes, a autora utiliza a figura da espiral ligando o centro à periferia para conseguir relacionar em rede -- pensada como um modelo horizontal de comunicação – as condições desiguais dos interlocutores quanto às questões de produção, circulação e consumo das informações.

Nesta primeira aproximação com o objeto estudado, percebemos que não podemos generalizar a atuação das chamadas vozes nos dois municípios com relação ao envolvimento das mesmas com a rede de aliciamento da mão-de-obra escrava.

Tanto em Codó quanto em Açailândia identificamos relações diferenciadas entre os anunciantes das “oportunidades de trabalho” e dos agenciadores do trabalho oferecido. Em alguns casos, os comunicadores populares apenas anunciam, muitas vezes sem compreender exatamente qual o tipo de serviço; enquanto que em outras falas, nota-se uma certa “resistência” ou mesmo contradição no discurso, marcada pela desconfiança de que estejam fazendo algo “errado” ou “ilegal”.

Enesita Araújo (2008) e demais autores que ela trabalha em sua tese de doutoramento (e que também referenciam teoricamente o nosso trabalho) discutem os chamados “espaços de interlocução” dos discursos. Essa categoria é interessante para pensarmos na relação entre os principais agentes sociais envolvidos na questão do trabalho escravo bem como compreender o chamado “mercado simbólico” e a “cena discursiva”, pelos quais eles circulam e consomem discursos institucionais construídos por mediadores responsáveis pelas informações transmitidas nos canais de comunicação que nos interessa estudar.

Identificamos na rede de aliciamento em Codó, por exemplo, a presença das “agências de viagem”, o que não encontramos em Açailândia. Entendemos que os dois municípios apresentam-nos contextos diferentes de análise acerca desta situação, até porque historicamente apresentam diferenças fundiárias, de atividades econômicas e mesmo da forma de recrutamento dos trabalhadores. Acreditamos que essas diferenças interferem diretamente na forma dos comunicadores populares se relacionarem nessas redes.



Na tentativa de entender os níveis de envolvimento percebidos durante as entrevistas e a observação no trabalho de campo, apresentamos a seguir seis quadros construídos à luz das discussões de Fairclough (2001) acerca das falas, modalidades ou marcas linguísticas e vozes do discurso dos seis comunicadores populares entrevistados (quatro de Codó e dois de Açailândia) acerca da rede de aliciamento para o trabalho escravo.

Para Fairclough (2001), os contextos são agregados aos eventos de fala, mas não são constitutivos, isto é, em cada localidade investigada, nos deparamos com realidades diferentes e níveis de envolvimento diferentes desses atores sociais (comunicadores populares) na rede de aliciamento da mão-de-obra escrava nos dois municípios.

“A modalidade trata da relação entre os produtores e as proposições, do comprometimento ou inversamente, do distanciamento entre produtores e proposições: seu grau de ‘afinidade’ com elas (...) a afinidade que um produtor demonstra em relação a uma representação de mundo é inseparável do relacionamento (e ‘afinidade’) entre o produtor e outros participantes do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 180/181)

Buscamos fazer esse esforço de análise orientada pelo autor, classificando algumas falas dos entrevistados a partir das marcas linguísticas ou modalidades e também das vozes (de outras pessoas) contidas no discurso. No caso dos entrevistados, identificamos que falam a partir de discursos institucionais (como do Ministério do Trabalho e Emprego, que realiza a fiscalização) ou mesmo se apropriam do discurso dos próprios trabalhadores e agenciadores da mão-de-obra escrava (conhecidos popularmente com *gatos*) ou ainda de outros atores envolvidos no contexto da rede de aliciamento.

### Quadro 1: Comunicadores populares de Codó/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
José Cláudio Silva/ Voz do Comércio	“Só faço anúncio comercial mesmo e de igreja (nós somos evangélicos) (...) essa coisa de chamar trabalho pode dar problema...”  “(...) Eu até já procurei uma vez uma mulher da ‘agência de viagem’, mas não consegui	“Chamar trabalho”  “passageiros”	Aliciadores ( <i>gatos</i> ou empreiteiros)  (proprietária da ‘agência de viagem’ se referindo aos trabalhadores)



	passageiros (...) Era só pro final do mês”  “Depois, achei até melhor porque na cidade de onde eu vim (Olho D’água das Cunhãs-MA) já vi que esse negócio de chamar gente pra trabalhar pode sobrar pra gente (...) Se o filho some, a mãe vem tirar satisfação com a gente e a Federal fica sempre em cima...”	“a Federal”	(trabalhadores e aliciadores se referem dessa forma ao Grupo Móvel de Fiscalização do MTE)
--	--	-------------	--

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

Como pode ser observado no quadro acima, José Cláudio Silva, 48 anos, proprietário da Voz do Comércio, instalada há menos de 1 ano no município, mantida por anúncios de programas evangélicos e situada próxima ao aeroporto, afirma que não veicula anúncio de trabalho com medo de represálias e fiscalização. Ele conta que por uma experiência anterior em outro município (Olho D’água das Cunhãs/MA), prefere ficar longe desses anúncios de trabalho por ser “ilegal” ou “errado”. Interessante que quando narra esta história, fala da fiscalização como sendo a “Federal”, ou seja, a Polícia Federal<sup>15</sup>. Outro ponto a ser destacado é que, além do medo de ser pego “fazendo algo ilegal”, o comunicador também se refere a um risco de se expor diante da própria comunidade, uma vez que ao anunciar trabalho e um filho de alguém viajar e não mais voltar, ele teria responsabilidade sobre isso. O que iria contra ao seu princípio religioso.

Mesmo não anunciando trabalho atualmente, Seu Zé Cláudio, como é conhecido, afirma já ter tentando anunciar viagens para São Paulo e demais localidades, em parceria com as “agências de viagem”; o que conta que foi mal sucedido, pois não estava em tempo de “chamar os passageiros”.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Na equipe de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego, além dos auditores fiscais do trabalho que vão até os estabelecimentos que foram denunciados por trabalho escravo, também acompanham agentes da Polícia Federal, além de procuradores do trabalho e demais representantes governamentais (em alguns casos do INCRA e até mesmo do IBAMA).

<sup>16</sup> Este fato está ligado à sazonalidade da safra da cana-de-açúcar localizada no interior de São Paulo, um dos principais destinos dos trabalhadores que migram de Codó para o corte da cana, que seriam os chamados “passageiros” para as “agências de viagem”.

## Quadro 2: Comunicadores populares de Codó/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
Francinete Brito, filha de ‘Seu Fernando’/ Voz Santa Helena	“Aqui o que a gente mais anuncia é festa de umbanda, de terreiro, e pra arrumar trabalho pra fora (serviço de corte de cana)”	“Arrumar trabalho pra fora”	Agenciadores da migração (gatos e empreiteiros)
	“De vez em quando Borges vem pra anunciar; pra arrumar trabalhador pra fazenda dele também/prá roço, pra botar arroz”	“Arrumar trabalho pro roço”	Agenciadores locais e trabalhadores (roço de juquirá: limpeza do pasto para plantar capim nas fazendas de gado)

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

Durante a visita que realizamos à voz de Seu Fernando, conversamos com sua filha que atualmente também trabalha no sistema popular de comunicação, que nos mostrou um recibo cobrado de um empreiteiro que buscava mão-de-obra para trabalhar em Minas Gerais, na colheita de batatas. (julho de 2010), além de uma listagem de valores de anúncios, que variavam de acordo com a quantidade de inserções por dia.

Ao questionar seu Fernando sobre a forma de cobrança dos agenciadores para anunciar oportunidade de trabalho, o comunicador popular se posicionou reticente à gravação da entrevista e também negou a realização de determinados tipos de anúncios, reafirmando o mesmo discurso praticado em Açailândia (julho de 2010), de que esse tipo de serviço era “coisa do passado”; e que por conta da fiscalização dos órgãos ligados ao Ministério do Trabalho e Emprego, essa prática não mais existia.

Na fala de Francinete, filha do proprietário da Voz Santa Helena, é possível perceber modalidades que se referem tanto à rede de aliciamento para migração de trabalhadores para o corte de cana, em São Paulo (“trabalho pra fora”) quanto para o trabalho escravo regionalizado<sup>17</sup>, principalmente para a atividade do roço de juquirá, realizada em fazendas de Codó.

<sup>17</sup> Trabalho essa categoria na dissertação, uma vez que identifiquei na pesquisa em Codó que há duas principais redes de aliciamento para o trabalho escravo na região: uma para São Paulo (principalmente para a atividade do corte de cana) e outro *regionalizado*, para trabalho em Codó mesmo, no chamado roço de juquirá, isto é, limpeza do pasto para plantação de capim nas fazendas de gado. (MOURA, 2009).

### Quadro 3: Comunicadores populares de Codó/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
Antonio José Sousa Barbosa/ Voz São José	“Foi um rapaz que veio aqui para a gente poder fazer a propaganda pra pessoas que estivessem desempregadas e quisesse trabalhar, viajar para o corte de cana, em São Paulo, Ribeirão Preto, essas regiões. Anunciei uma vez, quando foi no outro dia que ele ficou de me pagar, ele não veio, e até hoje (...) eu anunciei só um dia, ele nem apareceu mais, nem me pagou”  “Fiz este anúncio e apareceu muitos pretendentes a esse trabalho (...) Na verdade, não entendo direito como funciona, mas conheço várias famílias de Codó que tem parentes que estão ou já foram pra lá (...) Deve ser melhor do que aqui...”	“fazer propaganda pra pessoas que estivessem desempregadas”  “viajar para o corte de cana”  “anunciei só um dia (...) ele não apareceu mais”  “... na verdade não entendo direito como funciona...”	Agenciadores da migração (gatos e empreiteiros)

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

Seu Antonio afirma que foi procurado uma vez, logo que instalou a voz, há cerca de 1 mês, para fazer anúncios para o corte de cana em Ribeirão Preto, São Paulo. Ele conta que fez o anúncio, mas na verdade “nem entendeu direito” o que estava fazendo. Aqui podemos refletir acerca dessa modalidade do discurso que (1) ou ele não entende mesmo o processo do aliciamento ou ainda (2) ele ficou com receio de nos dizer durante a entrevista com medo de fiscalização ou represálias.

De uma forma ou de outra, o importante é que percebemos nesta fala posicionamentos diferenciados com relação à rede de aliciamento com relação aos outros comunicadores populares.

#### Quadro 4: Comunicadores populares de Codó/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
Francisco Carlos Silva Costa/Voz Tropical	“Vem é muita gente pedir pra eu anunciar trabalho aqui(...) Vem de São Luís, vem de Ribeirão Preto (...) Daí eles encostam carro aqui na porta, enche de trabalhador e vão embora”	“Eles encostam o carro aqui na porta, enche de trabalhador...”	Agenciadores da migração (gatos e empreiteiros)

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

Chico da Voz conta que já anunciou vários serviços de trabalho para São Paulo, no corte de cana, e chegou inclusive, a ficar responsável por anotar os nomes dos interessados e repassar para o agenciador da mão-de-obra, com endereço e telefone.

Diferentemente de Seu Antonio, este comunicador se assume como ator da rede de aliciamento e fala sem “pudor” sobre o seu envolvimento no assunto; o que nos leva a interpretar que ele pode não ter o entendimento jurídico acerca do processo de criminalização do aliciamento para fins de trabalho escravo, uma vez que pode estar correndo riscos e nem saber disso.

#### Quadro 5: Comunicadores populares de Açailândia/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
Maria Benedita de Sousa (Dona Biné)/ Voz da Fruta	“Eles me procuram lá é pra serviço de carvoeira e pra serviço pra fora daqui”  “Vejo quantos trabalhadores eles precisam, chamo as pessoas e vou anotando no caderno (...) às vezes eu, às vezes minha nora (...) depois os homem vem pegar tudinho:	“Serviço de carvoeira”  “chamo as pessoas e vou anotando no caderno (...) as listas com os nomes e marca o dia da viagem”	Agenciadores (gatos e empreiteiros)



	as listas com os nomes e marca o dia da viagem”		
--	---	--	--

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

Dona Biné, como é conhecida na Vila Ildemar, tem um sacolão de frutas e afirma que instalou a voz há cerca de 3 anos, juntamente com seu marido, para anunciar as promoções. Segunda ela, começou a ser procurada pelo comércio local para anunciar seus produtos. Como sua voz tem “audiência” no bairro, ela conta que “uns homens” começaram a procurá-la também para anunciar oportunidades de trabalho e repassar a ela e sua família, que trabalha no sacolão de frutas, a responsabilidade de “formar turmas” de trabalhadores; o que caracteriza o aliciamento para o trabalho escravo.

Da mesma forma do Chico da Voz, de Codó, podemos entender que Dona Biné pode não ter a noção do seu nível de envolvimento com o processo.

#### Quadro 6: Comunicadores populares de Açailândia/rede de aliciamento

Identificação (Nome e voz)	Principais falas acerca do aliciamento	Marcas linguísticas	Vozes do Discurso
Manoel Gabriel Carneiro/Voz do Gabriel	“Antes do presidente acabar com esse negócio de má serviço aqui era todo dia...”  “Não! Hoje não tem mais não! Aqui eu ainda cheguei lotar dez ônibus por dia aqui”  “Eu nunca recrutei trabalhadores. Só anunciava mesmo e os empreiteiros ficavam aqui esperando a peãozada chegar. Era homem que não acabava mais”	“presidente acabar com esse má serviço”  “cheguei a lota 10 ônibus por dia”  “Nunca ganhei com empreitada. Só mesmo com o anúncio...”	Voz institucional da fiscalização MTE (erradicação do trabalho escravo)  Agenciadores para migração ( <i>gatos</i> e empreiteiros)

Fonte: Entrevista durante trabalho de campo da pesquisa (julho/2010)

A “Voz Tropical”, mais conhecida como “Voz do Gabriel”, está localizada na Vila Ildemar há pelo menos 12 anos. O comunicador popular Manoel Gabriel Carneiro de Souza, 52 anos, afirma que sua profissão é garçom, que trabalhou mais de 20 anos



nesse ramo. Hoje está aposentado e exerce a atividade de comerciante do bairro da Vila Ildemar. Antes de morar em Açailândia, Seu Gabriel já tinha outra “voz” no município vizinho de Imperatriz (MA). Ele afirma que trabalha com comunicação popular há 28 anos.

Diferentemente de Dona Biné, Seu Gabriel se mostra conhecedor de que aliciamento é crime e, dessa forma, se apropria do discurso institucional dos auditores fiscais do MTE e das ações de repressão e combate ao trabalho escravo do governo federal para afirmar que “o presidente acabou com esse serviço escravo”. Mesmo se colocando fora do sistema de aliciamento ao afirmar que “nunca recrutou trabalhadores, só anunciou o serviço”, sua fala é carregada de sentidos, uma vez que está imbricada no contexto de que aquele negócio “não é legal” ou pelo menos “não é bom para os trabalhadores”.

A partir da compreensão da lógica do canal de comunicação para o recrutamento de trabalhadores, bem como de suas contradições entre discursos e práticas, buscamos sistematizar as informações e mapear a rede de aliciamento para trabalho escravo na região estudada. Com isso, acreditamos contribuir com a eficácia da atuação do movimento social, que terá a partir do acesso a esses dados, subsídios para conseguir avançar nos processos comunicacionais mais eficazes para o trabalho de prevenção.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Enesita Soares de. (2002) **Mercado simbólico: interlocução, luta, poder.** Um modelo de comunicação para políticas públicas. Tese de doutorado, CFCH/UFRJ, Rio de Janeiro.
- ESTERCI, Neide. (1994) **Escravos da Desigualdade:** estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Cedi :Rio de Janeiro.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2001) **Discurso e mudança social.** Editora Universidade de Brasília, Brasília.
- MOURA, Flávia de Almeida. (2006). **Escravos da Precisão:** economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). Dissertação de mestrado/Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/UFMA, São Luís (MA).
- OIT. (2005) **Estudo Complementar sobre o Trabalho Escravo no Brasil.** Brasília.
- WILLIAMS, Raymond (1981). **Sociología de la cultura.** Ediciones Paidós. Barcelona-Buenos Aires-México.